



PARA ALÉM DAS LIVES

entrevista Rafael José

Olá Ouvinte, este é o oitavo episódio do **PARA ALÉM DAS LIVES**. Eu sou Frederico Pessoa e este podcast é fruto de um projeto de pesquisa realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte. Hoje a conversa é com o Rafael José, músico com mais de 15 anos de estrada e que recentemente lançou o single de sua canção Aurora, já disponível em diversas plataformas. Rafael fala sobre a versatilidade necessária para enfrentar períodos de incerteza como a pandemia. Além disso, conversamos sobre o que ele conseguiu extrair de positivo desse momento tão difícil. Rafa se voltou para seu trabalho autoral, resgatando ideias, composições e experimentações musicais e se dedicou à produção de um álbum com suas músicas que pretende lançar em breve.

PARA ALÉM DAS LIVES: música e tecnologia pós-pandemia

Frederico: Ei Rafa, tudo bem? Obrigado por ter aceitado participar dessa conversa... E, bom, a gente já tinha conversado um pouco e você tinha falado um pouco de como você está... E um pouco do que rolou com você na pandemia... Acho que a gente pode começar daí: como é que tá... como é que foi esse começo aí da pandemia para você.

Rafael José: É isso assim, eu tava empregado na UNA (Centro Universitário UNA) como professor lá no curso de cinema, dando aula de trilha, captação sonora, som direto, desenho de som, essas coisas. E justamente por ser uma cadeira tão prática, né? Eu eu caí, em meados de 2020. Não repare! (no galo cantando ao fundo). No final, apareceu essa oportunidade, e eu falei: "tá! Eu vou tentar, vou tentar". E aí foram dois projetos que eu fiz: um para gravação de um disco e o outro para composição. Eu fiz o projeto de composição com base numa música que eu tinha, sem letra. E o outro, foi um projeto da Lei (Aldir Blanc) para gravação ou lançamento, né? De R\$ 35.000,00. E aí assim o que que eu lancei até então, foi relativo ao projeto, o que eu prometi lançar, né? Esse de criação não precisava

seguir o cronograma, mas, enfim, tinha que ter alguma coisa no ar demonstrando que eu tinha desenvolvido aquele trabalho de composição e tal. E aí eu fiz uma série de vídeos mostrando qual que era da faixa, né? A versão instrumental, inicialmente, e depois, eu fiz um segundo vídeo também instrumental, mas aí, tocando certo, né? Antes, eu estava explicando, sei lá, alguma coisa que tinha a ver com Villa Lobos, com Beethoven e tal... E, por fim, eu lancei o clipe.

Teve uma coisa meio making of, uma preparação assim, né? Para dar um gás nas redes e prevendo o lançamento do clipe. E aí eu lancei o clipe em dezembro. Acho que foi no dia 14 de dezembro. E foi um jeito meu também de fazer meus perfis nas redes... De assinar com meu nome uma série de coisas que... poderiam... As coisas que virão, já tem um perfil pronto. Já sou um artista, sabe? Contratei lá uma distribuidora, que foi a Tratore. E aí com esse contrato fizemos aí todas essas Spotify, Apple Music, Deezer, Tidal. Foi para todas essas. E aí foi um jeito de preparar o campo.

Eu tô com umas 14 faixas masterizadas nesse momento. Eu tô naquela assim: tem que ter lyric video, tem que ter uma série de produtos, né? E para além disso, tem que montar o show, ver quem vai ser a banda. Então eu tô um pouco meio pisando em ovos aqui. Mas eu quero lançar logo esse trabalho. E aí eu tô querendo dividir. A organização já tá meio previamente estabelecida, né? A ordem das faixas... E eu tô meio que pensando num Disco 1, para ser lançado e depois um Disco 2, assim. Vou me aproveitar dessa coisa longa do álbum e lançar em duas levas, sabe? Para poder ter até material para trabalhar e... ter escuta, né? (risos)

Frederico: Legal demais. Muita coisa... Muito bacana, antes de mais nada. E essa ideia é muito legal também de dividir, né? E que bom que você já tá também nas redes, tá fazendo funcionar tudo isso. E aí, eu ia te perguntar isso assim: antes disso, você não tava ainda nas redes de jeito nenhum?

Rafael: Eu ainda sou uma pessoa muito pouco estratégica e muito impaciente para ficar fazendo certas coisas assim, sabe? Mas foi um estímulo, um bom estímulo, assim... pegar uma guitarra e mostrar um solo de uma das faixas, tocar por cima... Ou então, mostra um trecho da gravação, ou toca uma música de terceiros, sabe? Faço um “coverzinho” e posto, com uma captação minimamente honesta, né? Eu gosto de fazer isso assim, sabe? Eu toco muita música dos outros e foi um bom estímulo para eu fazer isso, sabe? Tipo: “tá legal. Vamos tentar pensar isso aqui de maneira mais estratégica”. Como postar, quanto postar... O bom de ter lançado é para eu ver quais são minhas limitações. Eu preciso de alguém que pense estrategicamente isso que me diz assim: “Rafael, você vai fazer um vídeo por semana, de 30 segundos, olhando para a câmera e conversando com o seu público, fazendo uma pergunta ou qualquer coisa que seja. Mas o centro da coisa toda ainda tá na letra e na canção, sabe?”

Tá, tudo bem, eu lancei aquele single lá. Mas agora eu tô com 14

faixas. Essas 14 faixas, de alguma forma, em algum momento, começaram a conversar, porque tem todo um arranjo que eu pensei na minha cabeça. Tipo: a ordem, a temática, os próprios arranjos. Enfim, tudo foi pensado desse jeito. Então, eu preciso mesmo de alguém, né? Redes sociais, né? É isso assim... Fui experimentando, agora, te falar que sem contratar também uma boa assessoria [de imprensa], pagar e tudo, eu não alcancei muita coisa assim. A Rede Minas passou o videoclipe e tal, mas tinha a ver com o meu acesso a uma das pessoas da produção do programa, né? Essas coisas do network mesmo. E a mesma coisa com a Rádio UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), né? Tá na programação da Rádio UFMG, mas eu não consegui, por exemplo, a [Rádio] Inconfidência.

E é importante falar que eu tenho mais de 15 anos de carreira, né? Eu tô, pelo menos em Belo Horizonte, tocando desde 2004. Toquei com o Makelly K, toquei com a Titane, toquei com a Máisa Moura, com a Leopoldina, com a Fase Rosa, uma banda da qual faço parte. Uma série de outros projetos mais voltados para o cover: Sem Limites Pra Sonhar, o Inflamáveis. Blocos de carnaval: o Juventude Bronzeada, o Tchanzinho Zona Norte. Não tô começando agora, apesar de ser meu primeiro trabalho solo, né? Mas não emplacou, não emplacou. A gente sabe muito bem que isso tem a ver com certos vícios, né? Que o mercado tem. Eu não vou fazer com pressa isso assim, sabe? Porque exige grana, exige tempo e para mim tem que ser muito estratégico. É o meu primeiro “trampo”, assim. Por mais que não saia nos lugares eu pelo menos quero falar as coisas do meu jeito.

Frederico: Tem muito sentido isso que você está falando, porque tem que valorizar o processo inteiro, né? Assim, a sua história, o que você está fazendo agora... O que você tá pondo no mundo agora também, né?

Rafael: Eu trago um pouco dessa experiência de outros lançamentos com os quais eu me envolvi, né? Eu estive com o Makelly semana passada. E com ele eu toquei demais, né? Desde 2007 eu toquei com ele e fui até 2017/2018, por aí. Recentemente aconteceu com o disco dele novo de viola, com o disco da Máisa Moura, que eu gravei também e que chama O Azul Daqui... E ganhei, bonitinho, o CD. Não passou muito tempo, eu dei uma testadinha em um e em outro, e mais outro, e agora eles já estão defeituosos. Então, assim, a gente fica meio refém disso. E aí a conversa é: “tá. Beleza. Se eu não for fazer o CD, tu acha”... O que eu vou fazer sabe de materialidade para além da música, para além de um PDF do disco que eu posso hospedar num site e tudo... De repente um livro ou então organizar uma revista com as letras e textos de convidadas. Eu tô pensando em alternativas para ter alguma coisa para vender no dia do show, sabe? Tá cada vez mais difícil a gente ter algo “de pegar”, em termos de...

Frederico: Acho que é geral isso, né? Desmaterialização de todo lado. Essa migração pro virtual tem esse lado. Não sei se eu julgo

bom ou ruim... Ruim, em parte, porque acho que tem que ter essa materialidade também. Porque é outra forma de circulação das coisas, né? E acho que tem uma coisa de memória... Porque também muda a relação com a memória quando você tem um objeto que representa parcialmente essa memória e tal. É diferente de tudo virtual, circulando, se apagando, se renovando continuamente. Uma coisa maluca. Mas você tem razão, isso tem acontecido mesmo. Mas eu não sabia disso, da qualidade ruim... Isso é péssimo! Mas eu queria te perguntar como é que foi essa coisa... Porque você está falando do disco que tá vindo, né? Já veio, mas tá ainda construindo também esse lugar de entrada dele em circulação. Esse processo da Aldir Blanc, como é que foi a coisa de construir vídeo, fazer... Eu sei que, tudo bem, tem uma resposta ao projeto. Como foi o proces-



so? Porque tava na pandemia ainda, né? Tava mais imerso nesse momento mais complexo.

Rafael: O projeto de composição, eu prometi, né? Falei: “Ah, vou fazer um vídeo explorando as caminhas harmônicas e melódicas da canção, para depois eu fazer um vídeo da própria versão final da música, né? A forma, em tese, final da música e depois um vídeo com a letra. Porque a ideia era compor a letra. Mas, foi curioso que eu prometi isso e aí ficou aquela promessa final de... “Tá, a última versão vai ser eu tocando uma música ao vivo”. E aí, eu converso com um amigo, que é o Diogo Torino, aí ele falou: “Cara... Ah, Rafa, numa boa bicho, vamos mexer com esse negócio de captar não, vamos fazer um videoclipe”. E aí a gente fez um videoclipe meio que eu tocando numa casa com - aí sim - com figurino mais pensado, fotografia, tudo isso. E aí, no disco, as coisas já foram numa outra direção, na relação com as redes, assim. Porque o material que eu tenho é basicamente de making of. E o videoclipe que tá pronto do disco, é de making off. A gente ainda não foi para outro nível de pensar o videoclipe. Mas que essa resposta para os meios ainda virá do disco, né?

Agora, lá no videoclipe que eu lancei, lá tá mais... Foi tudo pensado estrategicamente: uma semana a gente lança um dos vídeos, aí vem foto de capa, não sei o que lá na segunda semana. E foi muito legal ver o retorno da galera. Teve gente que preferiu o vídeo mais tosco, que foi gravado no celular, em casa, e teve gente que gostou mais da versão instrumental do que com a letra. Enfim, teve uns retornos bons assim, sabe? Curiosos.

Frederico: Mas é interessante também ver isso. Isso é legal, porque tem a ver com a situação como você falou. Tem coisas que são da situação e outras não. Mas a situação também, às vezes, exige uma maleabilidade, uma abertura para outros caminhos que não estavam pensados. E [tem] a pandemia, como você falou. Quer dizer, você teve que gravar em casa, o que já mudou um pouco. Então teve uma limitação que foi dada por uma situação que você estava vivendo. Que está todo mundo vivendo! Mas, enfim, que você estava vivendo e isso impactou no seu trabalho, né? Até vou te perguntar porque, assim, a gente tá misturando as tempos e eu preciso alhar um pouco para trás também. Que é isso mesmo, né? Como é que foi para você a pandemia em termos... Você realizou [projeto] pela Aldir Blanc. Mas, e no geral, na sua carreira de músico, como é que foi o impacto da pandemia quando ela veio aí pra você?

Rafael: É, pesado! Assim eh a pandemia o desemprego o desamparo tudo isso meio que em alguma medida contribuíram para que eu pudesse fazer esse trabalho de triagem sobre aquilo que eu gosto, aquilo que me move, e aquilo que eu venho compondo há mais tempo. Até para sentar. É isso assim, né? São ideias que estão meio que pouco desenvolvidas, outras mais, umas menos. Enfim, música já com letra, outra sem letra. Enfim, tudo isso teve a ver com esse tem-

po pandêmico, com um momento de sentar e falar: “Tá, já que você quer fazer um projeto para a Aldir Blanc, o que você vai fazer?” Muito do que vem no disco, do que vem aí, é uma recapitulação mesmo, de coisas que... Claro, muita coisa ficou de fora, mas algumas mal resolvidas, umas gravações meio violão e voz, outras até já gravadas por amigos amigas.

Então, assim, foi um momento realmente de depurar, né? Eu acho que o primeiro single que vai sair, que é de uma canção que se chama “Pra Quê?”, eu tive um start assim que veio. Eu falei: “poxa, essa bateria tem que ser assim”. Eu desenhei ela bonitinha, como se fosse um ser humano tocando mesmo. Eu falei: “é isso!” Quem gravou foi o Fabrício Galvani, do estúdio, mas muita coisa foi pensada em casa. E outra coisa que é importante falar é: escrever um projeto é um jeito de começar qualquer coisa, tendo em vista isso tudo que você tá recolhendo aí, do seu passado, das suas composições, das suas produções e o quê isso significa, porque um disco justifica. Enfim, o que vem logo depois.

E aí eu volto a essa questão do passado, enfim, em 2019, eu defendi meu doutorado. E aí o último ano do doutorado ele tende a ser um momento em que você começa a falar para os outros: “segura a onda aí. Agora eu preciso terminar esse negócio aqui”. Então, eu tava meio que me desvinculando de uma série de projetos com os quais eu trabalhava já há algum tempo. Eu também toco muito no carnaval e a gente até teve o carnaval de 2020. Então entrou um cachê massa assim, sabe? Cachê de carnaval sempre... Foi um bom carnaval. E aí eu estava envolvido em projetos de música cover. Eventualmente fazia um boteco aqui outro ali, e também alguns autorais, né? Tipo o disco da Leopoldina, ele já tava praticamente pronto quando a gente entrou na pandemia. Muita coisa foi parada. Mas aí, por outro lado, aparece como uma oportunidade de você estar sozinho, na sua coisa. E eu sou um pouco criado numa ideia do músico centrado, romântico, né? Essa ideia da figura romântica, enfim. Foi uma oportunidade até de performar isso.

Frederico: Mas você falou uma coisa que eu achei muito legal. Porque eu tenho visto isso assim, mas eu vou te perguntar só mais um detalhezinho também em relação a isso, essa coisa do tempo, de [se] voltar para si mesmo, né? De se voltar para os seus projetos, dar espaço para poder trabalhar coisas que estavam lá e que acabaram ganhando uma dimensão diferente, mas que foi positivo sobre esse aspecto.

Agora, eu ia te perguntar só um detalhe, eu sei que isso, assim, essa questão que você falou: você perdeu um monte de coisas; você perdeu a estrutura; você tinha uma garantia de sobrevivência; a sobrevivência é interessante para ver se o que você conseguiu... Quer dizer, teve um tempo que você ficou muito no limbo assim? Ou você conseguiu ir caminhando com esses projetos que eram pesso-

ais, mas você tinha uma garantia de sobrevivência e não precisou recorrer a soluções, vamos dizer assim, naquele momento, sobretudo em 2020, alternativas?

Rafael: Precisei sim! Sobretudo em 2020, que foi ano eleitoral, e foi quando eu fui mandado embora. Eu fiz jingle, né? Algumas coisas aconteceram, e foram, tipo, meio que coisas desesperadas, assim, né? Aqueles trabalhos de virar a noite, de fazer coisas do tipo, assim, né? Então aconteceu isso: às vezes é aquele boteco de R\$ 300,00, que paga uma semana aí da sua vida... Nesse caso, foi assim. Ah, tá, teve seguro desemprego e tal. Mas enfim, você fica... Quando você não tem nada, você fica meio no desespero. E aí eu entrei nessa de... Eu fiz dois filmes. Trilha sonora, desenho de som, mixagem e finalização. Fiz dois curtas. Fiz um tema para uma mostra de cinema, o tema musical, né? Diversas outras coisas vão aparecendo e pintou também uma publicidade depois, um pouco mais cara. Então é isso.

Frederico: Você acha só para ter também uma perspectiva disso. Você acha que teve, pelo que você está dizendo, parece que sim, mas só para confirmar, [teve que fazer] um deslocamento muito grande do seu modo de produção? Ou tem uma relação?

Rafael: Não, não. Eu não ofereço produtos que eu não consigo entregar. Mas coisas que eu nunca tinha feito, eu acabei fazendo: escrever arranjo, mandar para outros músicos. Mas não foi uma coisa um desvio exatamente. Eu gosto de trabalhar nisso, eu gosto de trabalhar com briefing, né? É legal. Não é algo que sai, mas é algo que faz com que você saia de tudo que você tá fazendo, a depender do combinado e da deadline, né? E outra coisa é fazer filme, né? Porque aí o tempo é outro. E é algo mais poético do que esse outro tipo de coisa. Então, assim, cada trabalho é de um jeito. Então, cada disco, cada banda, te exige, a meu ver, uma postura, né? Eu não sou nenhum Hans Zimmer, mas a minha rotina de trabalho com música, depende da necessidade. Eu já estive em trabalho de banda mesmo e que era ensaio. Com o Makelly também, a gente tocou muito, fez muito ao vivo antes de entrar em estúdio para gravar o “Cavalo Motor”, né?

No meu disco, eu acho que eu também quis mostrar uma cara muito minha para as coisas. Trazer as influências, as sonoridades, as coisas com as quais eu queria dialogar muito em mim. E aí eu “centrei” muito, “centrei”, concentrei muito em mim e “centrei” muito nas coisas que eu achava que deveriam ser.

Frederico: É muito legal, na verdade. Eu achei esse processo muito interessante, até porque é como você falou também, não é igual para todo mundo, né? E achei interessante você falando também dos trabalhos que apareceram. Quer dizer, você tem muitos formatos, né? Isso é muito legal também. É um outro ponto que é importante: como é que a pessoa consegue achar soluções. Nesse caso

tem uma capacidade que você já desenvolveu de trabalhar com diversas formas de produção musical, de criação musical e tal, mesmo que não dialogue com o que você gosta, você consegue fazer isso sair de várias maneiras, né? E [tem] uma tranquilidade para fazer isso também.

Isso tem a ver, sabe? Tô reforçando esse ponto pra eu lembrar e talvez para você me dizer um pouco mais disso. Porque isso tem a ver com o seu trajeto na pandemia... Tem a ver na sua vida, mas também tem na pandemia. Porque a pandemia te impactou, mas ela também não te destruiu. Assim você conseguiu... Exatamente. Você conseguiu fazer um monte de coisas que foram parte do seu sustento, mas achei muito bonito você falar isso, né? Assim são muitos trabalhos... Bonito nesse sentido: você não diminuiu nenhum trabalho, de certa maneira. Você não diminuiu nenhum assim, me parece. Criticou alguma coisa aqui ali, mas ao mesmo tempo são trabalhos.

Essa disponibilidade também: como você tem uma atitude em relação ao que tá vindo. O que você vai produzir com isso, né? Como é que você vai trabalhar com as coisas que aparecem e é muito legal. É isso. É uma coisa que aparece pra você? Você acha que você... Que isso tem a ver com a sua carreira musical, tem a ver com os modos de se relacionar, de como encara essas produções diversas, e todas com a mesma seriedade, vamos dizer assim, o mesmo envolvimento. Você acha que já é do seu processo, talvez?

Rafael: É claro que a gente, num mundo ideal, estaria só trabalhando com produções autorais, filmes nos quais a gente acredita e tudo, né? Mas a gente tem esses outros lugares: nem mesmo nas bandas, nos processos, é tudo muito apaziguado, né? Nem sempre um timbre que você usa é aquele que você tava querendo usar de fato assim. É sempre uma negociação. A gente tem que... Tem certa...

É engraçado, eu encontrei o Rafael Martini essa semana. Há muito tempo a gente não parava para conversar e é curioso, né? Que de longe você fala assim... Teve um tempo que a gente tinha um convívio mais intenso. Mas de longe, parece que a pessoa tá estourando no mundo como arranjadora, a pessoa mais respeitada no universo, e não. Não é que ele não tenha, claro que não seja super respeitado, super requisitado. Mas eu digo assim, a impressão dele em relação a isso. Ele fala assim: “não cara, muito doido, né? que a gente às vezes a gente acha que tá com tudo resolvido, e aí, de repente, outras coisas aparecem, outros possíveis caminhos”. Então, você vê que ele também tá desbravando novos caminhos. E aí você achando que ele já tava um Hans Zimmer mesmo, sabe? Pra voltar, ao cara de antes...

É pauleira também. Pode não ser publicidade, pode ser uma outra coisa, né? Um arranjo de orquestra não sei onde, uma coisa assim, um disco para gravar, enfim sabe? No final das contas, é tudo uma grande negociação, né? Não dá para ser um um Kant e achar que vai ficar escrevendo só para si. E aí, depois que você morrer, alguém vai ler e aí todo mundo vai ficar tentando desvendar o que... Não é

isso, né? Ainda mais que a gente quer lançar, quer postar, quer fazer a coisa acontecer e conversar com outras pessoas sobre isso, né? Então é sempre uma negociação.

E é engraçado que essa coisa do autoral, na negociação, ela... Eu nunca tinha tido essa experiência, né? Um pouco na produção do disco da Leopoldina, e agora no da Maisa e no meu. Tem coisas que quem bate o martelo no final é assim: "Tá, obrigado. Ótimo. Isso é sua opinião, mas eu vou ficar com a minha agora, sabe?" É claro, a escrita acadêmica, a tese, no final das contas, você tem um uma autonomia pra escolher e o risco das escolhas e tudo a mais. Artisticamente, no disco, na música, eu ainda não tinha assumido tanto assim.

Então teve coisas do tipo elementos centrais e arranjos mais eletrônicos. Amigos falaram assim: "porra, mas esses barulhinho eletrônicos aí? Não tô gostando não". Eu falei: "é, bom, você vai ter que conviver." E uma das pessoas que toca, em tese, na banda falou: "Pô, você lembra que eu falei para você limar esses eletrônicos dessa parte?". Lembro, ué. E não limei mesmo não. Enfim, é tudo uma grande negociação e tem algumas coisas que é isso: não, isso tá ruim. Isso tá bom. E tem outras coisas que são questões de gosto. Não tô falando que cada um tem o seu e tudo bem, mas são escolhas estéticas mesmo, né? Você faz a escolha e vai ter gente que vai gostar e gente que não. Já teve gente que falou: "nossa, que legal esses barulhinhos!" Meio que parece um defeito na faixa e tal. Enfim... É isso, assim.

É engraçado que eu era muito passivo lá em 2005, 2004, 2006, eu me deixei muito ser levado pelos trabalhos musicais com os quais eu tava. Eu deixava as pessoas meio que: "tá, você quer isso? Eu faço isso então." E aí você é contratado para tocar numa banda em que já foi gravado o disco. Então você faz aquilo que outra pessoa fez. Eu acho que eu tive a oportunidade de ver muita gente trabalhar com muita opinião e muito afimco naquilo que acreditava assim, sabe? Eu acho que esse foi o meu momento de falar assim: "tá bom! Agora eu tenho que fazer isso, então várias de "parceiraços" meus, assim, gravadas no disco que mandaram assim: "Fiz uma guitarra aqui pra essa faixa. Encaixa aí na track". Tipo assim, tem track que dançou mesmo, guitarra inteira. "Pode jogar no lixo", o Fabrício perguntou. Falei: "pode jogar".

Lá fui eu contatar outro músico, dentro da história que eu queria, que eu sabia que dialogava com aquilo que eu tava planejando, né? Então é isso, né? Tudo uma grande negociação e também tem isso: é experiência, é tempo de de saber como lidar com estúdio, aquilo que é network, tudo isso meio que atravessa. Imagino que eu esteja falando de uma maneira até confusa agora, mas é curioso que a gente resgata mesmo essas coisas no momento da produção mesmo, né?

Frederico: Eu acho que você juntou coisas assim, né? Você juntou tantos os diálogos, quanto também o momento que você pode ter uma decisão sobre aquilo que realmente influencia ou não. Aquilo

que é permitido nessa troca ou aquilo que não é. Por essas questões que são estéticas, por exemplo. As escolhas estéticas para o caminho que você quer seguir. E que, no caso, é o que você está falando. Quando é um projeto autoral, você é que definiu na sua cabeça, já que é seu, um pouco esse caminho estético. Então, faz sentido também você ter [definir] os limites dessa conversa.

Rafael: O disco se chama “Momento”, não por acaso. Isso tem a ver com a pandemia. Tem a ver com isso, né? A contemporaneidade que tem uma onda assim, né? Com o resgate de outros tempos no momento da pandemia. De você re-escutar uma série de discos, re-escutar uma série de composições, re-escutar uma série de coisas, para que você... “Poxa, eu sempre quis fazer uma coisa mais ou menos assim”. E aí, de repente, você traz isso para o seu campo de criação, né? E aí tem muito a ver. Eu acho que isso fez com que a coerência “alcançasse” (sic). E a ideia do momento, né? Várias possibilidades. O que é o momento, né? Aparece como signos pequenos assim: o agora, o passado, o futuro, o que que isso tem a ver com esse tempo que a gente tá vivendo de reclusão, de olhar para si, mesmo que não queira olhar, enfim. Bom, enfim, alguns fios aparecem ali e outros são forçados pelo arranjo, pela... Ou então pela sonoridade, pela referência que... aquilo que a sonoridade faz. Só ouvindo para ver agora esse projeto. Vão ver o que a galera acha, né?

Frederico: Legal demais. Acho que é por aí mesmo. Agora, queria te perguntar uma coisa que não tem... Eu tô saindo agora um pouco do ponto que a gente tá aqui conversando exatamente... Mas você achou que... Foram muitos processos diferentes, né? Sua pandemia foi reticulada, entre aspas, vamos dizer assim, né? Muitos campos, muitos processos diferentes e tal. Você acha que teve alguma coisa em particular que chamou a atenção em termos de impedimentos, de dificuldade, dentro desse período, para realização dos seus trabalhos? Ou você conseguiu fluir? Eu odeio ficar fazendo pergunta que tem resposta, né? Desculpa! Vou refazer então. Eu não gosto de ter uma resposta pronta. Mas você encontrou entraves nesse processo? Achou que teve coisas que realmente foram... que dificultaram esses processos a ocorrerem dentro daquilo que você gosta de fazer? Ou gostaria de fazer se fosse outra situação, por exemplo?

Rafael: É curioso assim... Eu tive várias questões que ocorreram, particulares mesmo, problemas sérios, de família. Perdi meu pai na pandemia...

Frederico: Eu também. Meus pêsames.

Rafael: Foda. Então, assim, tem horas que eu paro e olho há um ano atrás e falo assim: “como é que eu terminei esse disco?”. Ah, não sei, sabe? Poxa. Teve um momento que eu liguei o automático, o piloto automático. O grosso do disco tava acontecendo justamente

quando essas questões mais delicadas foram pululando, assim, né? E as questões delicadas não só particulares, mas assim... Eu ia começar o disco, por exemplo, um entrave de tempo. Eu ia começar a gravar o disco em março, que foi o anda roxa, né? Então, por exemplo, teve esse entrave que foi um entrave foda. Teve isso assim.

E aí, depois vieram essas outras questões, esses outros problemas. E teve uma hora que foi tipo entregar para os amigos mesmo, assim, pra família, pra todo mundo, tipo: “tá bom gente? Vamos gravar.” E muito no desespero e deixando acontecer, sabe? E claro, né? Essa hora, teu técnico de som, as pessoas que ajudam, produtora, são muito importantes. Porque lidar com tudo isso sozinho é muito difícil, né? Então teve vários entraves.

Eu assim... Nada que... Eu sou uma pessoa muito do dar a volta por cima, sabe? Clichê falar isso, mas eu sou mesmo. Eu me vejo na situação, eu sofro por bosta, assim... Sou desses de tipo ficar triste para caralho e destilar a tristeza mesmo, né? Deixar ela se desembolar. Mas eu logo já quero... Eu não paro. Fico lá sofrendo, mas eu não paro. Claro que na pandemia as coisas foram bem diferentes, assim, nesse sentido. Eu acho que eu fiquei bem mais baqueado com as coisas. Mas nunca entrego. Então a finalização é que foi um pouco mais tensa assim, né? E a participação de outras pessoas. Mas é isso. Eu não...

Outra coisa, uma percepção que eu tive muito sobre mim, mas porque eu já tinha de certo modo e até tem que tomar cuidado com isso assim... Eu sou uma pessoa muito ativa, né? E que se cobra. Por vezes, fico me achando preguiçoso. Que não fiz as coisas como deveria fazer e tudo. E pelo contrário. Já chega o momento que eu falo assim: “poxa, tá saindo um artigo, tá saindo jingle, tá saindo o single, tá saindo filme, tá saindo isso. E você olha para trás, não são coisas simples de resolver. Não são trabalhos de dois minutos, de dois dias. São trabalhos de duas, três semanas, de um mês e meio de dedicação, de um ano e meio de dedicação, como o disco, né? Não dá para se cobrar também nesse nível, né?”

Frederico: Muito legal. Muito legal e muito importante também. Acho também que às vezes faz parte até de um *modus operandi* frente a esses entraves gigantes da pandemia, né? Como é que a gente consegue continuar frente a esses baques todos? Porque eu achei que você falou umas coisas que me lembraram de alguns processos meus também. De falar assim: “não, vamos fazer, vamos fazer”. E é um jeito também de transformar um monte de coisas em outras, né? De novo, meus pêsames pelo seu pai, né? Porque meu pai tenho certeza que devia ser muito mais velho que o seu né? Então, já devia estar mais perto de ir embora, né?

Rafael: Meu pai tinha 89.

Frederico: Ah, então é tipo o meu mesmo. O meu tinha 89 também. Triste, né? Enfim. Mas você quer acrescentar mais coisas? Porque o

que eu queria, para minha pesquisa e tal, você falou vários aspectos. Assim que ouvindo tudo, ficou super completo assim para mim. E achei muito legal ouvir toda essa história que você falou, essa história recente, mas muito rica, que você trouxe, né? Em muitos sentidos, eu acho.

Rafael: Eu acho que o que eu tinha para falar, eu disse bem já, né? Eu fiz uma boa síntese das coisas como eu percebi, de como vivenciei, né? E é isso assim, eu acho que o legal pra fechar mesmo é pensar que o processo de criação vai de 10 até 100 mil mesmo, né? A gente, poxa, sempre faz, sabe? Seja num momento de fragilidade sua, ou seja num momento de euforia, de alegria, enfim. É sentir e fazer. Para escrever, para fazer a tese, para cozinhar, pra qualquer coisa. E é isso. No fazer é que você, a depender da sua seriedade diante daquilo, da sua dedicação, melhor que seriedade, é que você vai encontrando rotinas, vai encontrando soluções criativas ou não, soluções práticas.

Eu acho que eu pude exercitar isso muito bem com a feitura desse disco. E é curioso. Cada trabalho me pediu uma postura. E eu acho que tem que ser assim mesmo. Não tem um... não tem uma fórmula para produzir um disco, para fazer uma canção, né? Tenho esse esse livrinho do Jeff Tweedy do Wilco que se chama “Como Compor uma Canção”. E eu acho que é legal, porque ele fala assim: “eu não quero que você faça um disco. Eu não quero que você seja um rockstar. Eu não quero nada. Eu vou falar de como eu sento para tematizar alguma coisa, circular essa coisa, escrever sobre essa coisa, e tocar sobre essa coisa”. E é muito legal. Ele te dá uma dica assim, começar dos pequenos, né? Tipo, pô, aquela canção lá, como eu disse do meu processo. Aquela pequena canção tá meio para terminar, mal feita não sei o que lá, enfim. A gente vai encontrando caminhos no processo mesmo. Mas tem que ter dedicação, sabe? Não existe gênio criativo não. Existe gênio que trabalha!,

Frederico: Eu concordo 100%! Obrigado demais! Estão querendo já derrubar a gente! Uma chatice esse troço! (risos)

Rafael: Mas eu queria fechar nisso mesmo, assim. É por aí.

Frederico: Legal demais. Obrigado demais assim. Obrigado pelo tempo, pela disponibilidade, por todo o compartilhamento que você fez aqui comigo. Obrigado mesmo, valeu demais.

Rafael: Valeu.

Você ouviu o **PARA ALÉM DAS LIVES**, podcast criado produzido e apresentado por Frederico Pessoa. Obrigado por nos acompanhar. Este projeto foi realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte.

Para mais informações, acesse @paraalemdaslives no Instagram, nossa página no Facebook, ou o nosso site: www.paraalemdaslives.fredericopessoa.net. Até a próxima!

realização



incentivo



CULTURA



**PREFEITURA
BELO HORIZONTE**

GOVERNANDO PARA QUEM PRECISA